

Colaboração © 2011 pela Van Lacer Dourado (vanlacer.com.br)

Projeto gráfico e diagramação: Paulo S. Lima
Revisão: Ana Carolina, João Paulo, Patrícia
Cecilia, Ana Carolina, João Paulo, Patrícia
Projeto gráfico e diagramação: Paulo S. Lima
Revisão: Ana Carolina, João Paulo, Patrícia
Cecilia, Ana Carolina, João Paulo, Patrícia
Projeto gráfico e diagramação: Paulo S. Lima
Revisão: Ana Carolina, João Paulo, Patrícia
Cecilia, Ana Carolina, João Paulo, Patrícia

SÃO PAULO, OS ESTRANGEIROS E A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES

Ana Lúcia Duarte Lanna
Fernanda Arêas Peixoto
José Tavares Correia de Lira
Maria Ruth Amaral de Sampaio
[organizadores]



Alameda

Sumário

| | |
|--|-----|
| Traços e linhas de um projeto coletivo | 7 |
| Parte 1: Redes e territórios étnicos | 17 |
| Redes em processos migratórios | 19 |
| <i>Oswaldo Truzzi</i> | |
| Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945) | 39 |
| <i>Sarah Feldman</i> | |
| Presença estrangeira na indústria das confecções e evoluções urbanas nos bairros centrais de São Paulo | 63 |
| <i>Sylvain Souchaud</i> | |
| Os coreanos no Bom Retiro | 89 |
| <i>Maria Ruth Amaral de Sampaio</i> | |
| O Bexiga e os italianos em São Paulo, 1890/1920 | 117 |
| <i>Ana Lúcia Duarte Lanna</i> | |
| Parte 2: Construtores da cidade | 131 |
| A aldeia na cidade: ecos urbanos de um debate antropológico | 133 |
| <i>Adrián Gorelik</i> | |
| Capitais latino-americanas e urbanistas estrangeiros (1920-1950) | 165 |
| <i>Arturo Abamdoz</i> | |
| A presença norte-americana e a transformação de São Paulo no pós-guerra | 183 |
| <i>Maria Cristina da Silva Leme</i> | |
| Um lugar para as elites: os Campos Elísios de Glette e Nothmann no imaginário urbano de São Paulo | 209 |
| <i>Paulo César Garcez Marins</i> | |
| Os arquitetos estrangeiros e o mercado imobiliário através da experiência de Jacques Pilon | 245 |
| <i>Joana Mello de Carvalho e Silva</i> | |
| Construtores estrangeiros e a produção arquitetônica moderna no Bom Retiro (1950-1970) | 261 |
| <i>Stamatia Koulioumba</i> | |
| Profissão: pintor-decorador. Oreste Sercelli na cultura de ornamentação arquitetônica de São Paulo | 287 |
| <i>Solange Ferraz de Lima</i> | |
| De espelhos e imagens | 317 |

2011 by Ana Lúcia Duarte Lanna et al
na Monteleone/ Haroldo Ceravolo Sereza/ Roberto Cosso

Monteleone
te: Vitor Rodrigo Donofrio Arruda
e diagramação: João Paulo Putini
tro/ João Paulo Putini
ia Jatobá U. de Oliveira
rodução: João Paulo Putini

na e quarta capa: Isabel Falleiros. *Montanha de concreto* (Série "São Paulo a pé")

LOGAÇÃO-NA-FONTE
ONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

ANGEREOS E A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES
anna... [et al.] (orgs.).
2011.

102-6

História. 2. Arquitetura brasileira – São Paulo (SP) – Influências
ria. 3. Imigrantes – São Paulo (Estado) – História. I. Lanna, Ana
D Duarte), 1958. II. Título.

CDD: 981.61

CDU: 94 (815.61)

029374

EDITORIAL

o Ramalho, 694 – Bela Vista

– São Paulo – SP

2400

ditorial.com.br

| | |
|--|-----|
| Parte 3: Trajetórias e olhares | 333 |
| Olhando de perto um mundo diferente <i>Gwendolyn Wright</i> | 335 |
| Quilinetos estrangeiros, a arquitetura no estrangeiro e a história <i>José Tavares Correia de Lira</i> | 353 |
| Crítica e projetual de Bernard Rudofsky em São Paulo (1938-1941) <i>Luisa Amoroso Guardado</i> | 387 |
| Fotógrafos estrangeiros na cidade: Werner Haberkorn, Hildegard Rosenthal e Alice Brill <i>Mariana Guardani</i> | 415 |
| Aventura, missão e diáspora: os vários motivos de viagens e a necessidade de relatar <i>Karen Macknow Lisboa</i> | 443 |
| O caminho para a cidade: viagem e a condição estrangeira em relação ao transcurso espacial <i>Graciela Silvestri</i> | 471 |
| Parte 4: Intelectuais, artistas e a cidade | 495 |
| Deslocamentos Milão-São Paulo: estrangeiros na cidade <i>Fernanda Fernandes</i> | 497 |
| A presença estrangeira em <i>Habitat</i> (1950-54) e <i>Mirante das Artes, Etc.</i> (1967-68) <i>Adriana Maiolini Mesquita</i> | 521 |
| Roger Bastide e as cidades: dois ângulos e uma perspectiva <i>Fernanda Arêas Peixoto</i> | 543 |
| Tratado antropológico em movimento: as pesquisas da Sociedade de Geografia e Folclore na cidade de São Paulo e nos seus "arredores" <i>Lúisa Valentini</i> | 573 |
| Pierson em São Paulo: entre o Departamento de Cultura e a Escola Livre de Sociologia e Política <i>Isabela Oliveira Pereira da Silva</i> | 611 |
| Montagem de um ideário urbano em São Paulo: Lebrecht, 1947 <i>Dinalva Derezno Roldan</i> | 645 |
| Dois autores em busca de um passado: Richard Morse e Guarique de Holanda na construção da especificidade paulista <i>Ana Claudia Veiga de Castro</i> | 661 |
| Sobre os autores | 685 |

Traços e linhas de um projeto coletivo

Ana Lanna, Fernanda Peixoto,
José Lira e Maria Ruth A. de Sampaio

Desde a Antiguidade, a história das cidades ocidentais se confunde com a presença de grupos desconhecidos, vindos de regiões mais ou menos distantes, percebidos como estranhos ou estrangeiros. Tais presenças adventícias – rejeitadas ou acolhidas – tiveram papel destacado na transformação da paisagem urbana, deixando suas marcas nas pedras e traçados, assim como no plano das ideias e da imaginação. Os estrangeiros são assim parte inseparável das cidades, vividas ou sonhadas.¹

No território americano, por sua vez, os conquistadores – espanhóis e portugueses – “ladrilharam” e “semearam” cidades, estrangeiras por definição ao espaço e aos modos de vida indígenas. A formação e a transformação das cidades americanas, desde então, é impensável sem os personagens de todas as cores, línguas, nacionalidades e culturas que aqui aportaram, trazendo em suas bagagens modelos, técnicas, valores e visões de mundo.²

Do ponto de vista de seu escopo temático, este livro soma-se a uma já ampla tradição de estudos sobre as relações dos estrangeiros com as cidades, mas espera contribuir, do ponto de vista da perspectiva projetada, para iluminar novas faces de um problema que há muito mobiliza o interesse dos analistas.

A maior parte das pesquisas que integram este volume tiveram início em um projeto coletivo de investigação, de feito francamente interdisciplinar, cujo eixo estava dado pelas presenças estrangeiras, fundamentais nos processos de transformação física, demográfica, econômica, social e cultural da cidade de São Paulo desde finais do

1 Para um exame dos grupos estrangeiros nas cidades europeias, cf. Jacques Bottin & Donatella Calabi (éds), *Les étrangers dans la ville*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1999.

2 Ver, entre outros, José Luis Romero, *América Latina, as cidades e as ideias* (1999). Tradução Bela Josef, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

O pressuposto dos trabalhos era a impossibilidade de compreender São Paulo a partir de suas mais variadas dinâmicas, sem esses personagens. Mas quem eram eles? O objetivo era recuperar a multiplicidade de experiências que constitui o estrangeirismo na categoria sociocultural, resistimos à sua redução à figura clássica do imigrante, e o estrangeirismo é representado como um processo de explicação dos processos de modernização industrial das grandes cidades americanas. O mote original da investigação era este: apreender a diversidade de formas do estrangeirismo, as especificidades que distribuem no tempo e no espaço, suas origens e legados, suas lógicas de funcionamento e itinerários e meios de transporte, suas múltiplas figurações nas relações com o destino – imigrantes, viajantes, visitantes, residentes, nativos ou eternos – na heterogeneidade dos modos de viver, descrever e simbolizar o outro. A hipótese é que as histórias desses personagens foram consideradas em função do modo como se alteram; afinal, como categoria analítica, o estrangeirismo permite pensar o outro não puramente espaciais ou nacionais, mas também temporais e sócio-culturais. É possível ainda perceber como, ao longo dos séculos de viajantes erráticos, os itinerários ou imprevisíveis, dos roteiros provisórios de profissionais e turistas, das migrações em fluxos massivos de imigrantes, variam as formas de inserção na sociedade; no ambiente cultural e político; nos meios técnicos, profissionais e políticos. Variam também suas atividades e seus olhares conforme as motivações e as condições que organizam a movimentação desses atores no tempo e no espaço, de modo que os conhecimentos prévios que possuem da terra alheia, das redes que constituem as hierarquias que organizam os campos locais de trabalho, do conhecimento, das práticas que as cidades de destino solicitam, colocando-lhes diante de horizontes e situações específicas.

Assim, a construção do estrangeirismo como objeto multifacetado – alvo de políticas, práticas, textos e intervenções, e também um patamar de observação a partir do qual a cidade é vista de outros ângulos –, permitiu à pesquisa revelar uma rede urbana construída na articulação de sua materialidade, de suas redes de socialização e dos processos de construção de identidades e alteridades, assim como de suas disciplinas e representações, inseparáveis do plano material.

O projeto de investigação primeiro ampliou o seu escopo analítico em função de dois seminários internacionais: “São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade” (agosto de 2009) e “Os estrangeiros e as cidades” (agosto de 2010), ambos realizados na FAU Maranhão (São Paulo), que tiveram o mérito de cruzar miradas interpretativas e casos empíricos diversos. A empresa comparativa resultou em um notável alargamento de foco: a cidade de São Paulo foi colocada em perspectiva em função de suas congêneres brasileiras; ao caso brasileiro, por sua vez, acrescentou-se a reflexão sobre situações latino-americanas diversas.

Este volume é produto dessa história, de todas essas colaborações e parcerias. Sua divisão em quatro partes deixa ver as linhas de força que organizam a reflexão. A despeito da relativa autonomia dos segmentos – que poderiam, no limite, dar origem a publicações independentes – a leitura do conjunto não deixa dúvidas quanto à forte comunicação das partes, em termos de temas e problemas, eis a razão de termos decidido mantê-los lado a lado.

O primeiro conjunto de textos, *Redes e territórios étnicos*, articula-se em torno do interesse pelas questões propriamente migratórias e da constituição de espaços específicos nas cidades em função das presenças estrangeiras, temas enfrentados a partir de enfoques diversos. O artigo de Oswaldo Truzzi abre o conjunto lançando uma reflexão de cunho teórico-metodológico: trata-se de pensar a rentabilidade do conceito de “redes” em relação a outros paradigmas explicativos, para esclarecer tanto a escolha de destinos quanto a inserção dos estrangeiros no mercado de trabalho na sociedade receptora.

O bairro do Bom Retiro, no centro de São Paulo, é objeto de três reflexões distintas. Sarah Feldmann apoia sua análise em duas indagações de fundo. Em primeiro lugar, quer pensar como, em algumas décadas, o bairro é identificado como “de judeus” e, anos após, como “de coreanos”. Em seguida, pergunta ela, a condição de bairro central auxiliaria o entendimento das dinâmicas sociais, econômicas e culturais, assim como as transformações ocorridas na materialidade do território? Desde uma perspectiva longitudinal dos migrantes no espaço urbano (no Bom Retiro, Braz e Pari), Sylvain Souchaud parte do pressuposto que os próprios imigrantes – no caso, os bolivianos – são os principais vetores da reorganização produtiva do setor de confecções na atualidade, por eles definida e orientada em função da conjugação de interesses que caracterizam seus projetos e trajetórias migratórias.

Finalmente, Maria Ruth Amaral de Sampaio, amparada nos estudos sociológicos de Barry Wellman e Mark Granovetter, retoma o conceito de redes para refletir sobre

* Os estrangeiros e a construção da cidade”, Projeto Temático Fapesp (2007-2011), coordenada por Liana, e de cujo núcleo central fizeram parte: Fernanda Fernandes, Fernanda Peixoto, José Cristina Leme, Maria Ruth Sampaio, Paulo Garcez, Sarah Feldmann, Solange Lima, além de treinamento Técnico, Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado.

o migrante no Bom Retiro a partir de laços fortes e fracos, assim como do coreanos em círculos variados – intra e extra colônia. Através de entrevis-ambros de destaque da colônia em São Paulo, a pesquisadora desvenda as grupo com a sociedade mais ampla.

o bairro central de São Paulo – o Bixiga – vem à tona pela análise de Ana te Lanna, que, mais uma vez apoiada na noção de rede, busca analisar a o desse território, fortemente marcado pela presença de italianos do sul. diante de imigrantes que não se inserem na relação com a cafeicultura e ação subsidiada, e que fazem da cidade seu destino primeiro e preferencial, ao lugar uma identidade decorrente da predominância de suas atividades e s exercidos sobre elas.

do segmento do livro, *Construtores da cidade*, reúne um conjunto de arti-nda as ações de múltiplos profissionais estrangeiros que atuaram, com suas-eias, em toda a América Latina, de finais do século XIX até a segunda meta-XX. A noção de construção aqui mobilizada ultrapassa a visão restrita de m pedra e cal; nesse sentido são evocadas as relações entre o pensamento a arquitetura e as tradições intelectuais das ciências sociais, assim como os últimos e econômicos entre diversos agentes estatais e privados. As análises a tese, insustentável a partir dos resultados apresentados, de uma importa-s e práticas que aqui implantadas teriam conformado as cidades, a reflexão constituição de campos acadêmicos e, por fim, a própria nação.

de “influência” é explicitamente problematizada e descartada como pro-analítico por Adrián Gorelik, em sua análise minuciosa da circulação de o norte-americanos pela América Latina, assim como das inspirações que stas, consultores e planejadores, retiram da antropologia de Chicago. e acompanhar o processo de transformação de certas categorias analíticas, o de temáticas e análises específicas para a América Latina. Os diversos siderados pela análise de Gorelik – Redfield, Park, Oscar Lewis, Matos v Pearce, Gino Germani, entre outros –, assim como pelo artigo de Arturo guram em campos de tensão e disputas onde, sejam as cidades, sejam os fissionais, constituem-se e transformam-se nesses processos de contatos andoz focaliza contextos urbanos (Buenos Aires, Cidade do México, aracas) que acolheram arquitetos e urbanistas estrangeiros – Hegemann,

Forestier, Jaussely, Le Corbusier, Brunner y Rotival, entre outros –, considerados o ponto de origem do urbanismo na América Latina.

A existência de um corpo de profissionais locais capazes de dialogar, criticar e funcionar como parceiros dos profissionais estrangeiros – contemplada pelos textos de Gorelik e Almandoz – é também objeto de atenção do artigo de Cristina Leme, voltado para a análise dos embates na definição de planos e propostas de intervenção urbana. A autora revela na ação do IBEC e de Roberto Moses para a elaboração do Programa de Melhoramentos Públicos em São Paulo, a forte presença de interesses americanos – mais um aspecto da decisiva atuação de Nelson Rockefeller – mas tam-bém a existência de confrontos locais (o Departamento de Urbanismo da Prefeitura, a Light, Henrique D. Vilarés e Prestes Maia), o que contraria a ideia de um país “em branco” a ser construído pelas “influências” estrangeiras.

Além dos urbanistas – e das ideias, modelos e planos que com eles circularam –, os textos dessa parte tratam também da atuação de arquitetos, loteadores e construtores, relacionando-os a interesses públicos e privados. Esse é o propósito de Paulo Garcez ao revelar como as representações em torno de uma “cidade luz” e marco civilizacional chegam ao Brasil e são reiteradas pelos olhares construídos sobre os Campos Elíseos, bairro central paulistano, seja por memorialistas ou por intelectuais – que usam este imaginário para inventar uma cidade cindida, mas homogênea em suas divisões – seja por empresários, como Frederico Glette e Víctor Nothman.

Finalmente, Solange Lima, Joana Mello, Stamatia Koulioumba e Jussara Derenji analisam a ação de artesãos, construtores e arquitetos que atuaram na transformação da cidade em metrópole. Tomando a profissão de pintor-decorador a partir do exa-me de Oreste Sercelli, Solange Lima redimensiona o lugar desses agentes sociais na consolidação da cultura arquitetônica paulistana, revelando como no atendimento às demandas locais, eles atualizam e criam soluções estéticas novas. Nos textos de Joana e Stamatia, a verticalização, as referências tomadas de empréstimo da arquitetura mo-terna e as relações com o mercado imobiliário são entradas analíticas que revelam a ação dos estrangeiros e as novas possibilidades de construção da cidade de São Paulo.

Apoiada no exame de padrões e técnicas, Stamatia Koulioumba mostra como os construtores judeus apropriam-se do vocabulário arquitetônico moderno, utilizan-do-o na verticalização do bairro do Bom Retiro, e alterando formas de morar e ocupar o território. Joana Mello, por sua vez, quer compreender a ação dos profissionais es-trangeiros – Jacques Pilon, Duschenes, Adolf Franz Heep, Gian Carlo Gasperini, entre

partir do modo como eles se inserem no mercado imobiliário, modificando a dinâmica local, ao mesmo tempo em que são “afetados”, diz ela, pela nova arquitetura criando edifícios que são constituídos justamente por uma via de mão dupla entre o local e o estrangeiro”.

Como se de Jussara Derenji sobre a construção de uma cidade, e de suas imagens, a arquitetura brasileira, oferece interessante contraponto aos demais artigos. Lançando uma perspectiva histórica, ela mostra como, na fase da conquista, o caso de São Paulo e o problema das relações entre colonizadores e governantes no além mar foram construídos procurando reproduzir os modelos existentes nos países de origem. No segundo momento, de fins do século XIX e início do XX, a cena urbana mudou com a chegada de profissionais especializados em busca de trabalho, por exemplo, o italiano Filippo Santoro.

Como se vê, a primeira sessão, como o próprio título indica, está centrada na relação entre arquitetura e viagens. Os textos aí reunidos exploram práticas e experiências diversas e apontam para a geografia do deslocamento em seus múltiplos relevos e contextos. Sentidos e escalas, sublinhando as maneiras como os trânsitos redefinem o espaço e os pontos de vista. São justamente a inefabilidade e a polifonia do espaço que orneçam os prismas pelos quais Gwendolyn Wright aborda a experiência da viagem: o que ele vê certamente difere do que vê um nativo ou residente, mas o olhar não constitui uma espécie de língua franca que sutilmente atravessa as barreiras linguísticas e culturais. Trata-se de repensar o nexo entre as experiências do olhar e a construção do espaço arquitetônico, sobretudo europeus e norte-americanos, ali onde se encontram em projetos existenciais, turísticos ou profissionais fora de seu universo de referência.

Como se vê, o texto de estrangeiro, indissociável da experiência metropolitana europeia, questiona por Graciela Silvestri ao evocar a condição inevitável de deslocamento que configura a experiência civilizatória na América do Sul: do eterno deslocamento à “terra sem mal” dos tupi-guarani aos conquistadores, missionários e colonizadores, e às sucessivas ondas migratórias que redefiniram inteiramente o espaço entre o estrangeiro e o nativo, o ocidental e o não ocidental, e os significados e os usos do espaço em diferentes contextos.

Como se vê, as pesquisas e as análises de Graciela Silvestri e de outros autores apontam para indagações gerais encontram ecos específicos na viagem de profissionais, intelectuais ao longo da história – objeto dos artigos de Gwendolyn Wright, Luisa Guardado (arquitetos), de Mariana Guardani (fotógrafos) e Karen

Lisboa (escritores) – e na exploração contemporânea: a viagem fluvial entre Buenos Aires e Assunção, realizada em 2010 (narrada por Silvestre), que reuniu artistas, escritores, arquitetos, antropólogos, astrônomos, músicos e cozinheiros, argentinos, paraguaios e espanhóis.

A complexa cartografia de deslocamentos de arquitetos pelo mundo, entre o final do século XIX e meados do XX, é vista por Lira como ocasião de um debate historiográfico. Ao afastar-se das epopeias individuais e das hierarquias presumidas entre origens metropolitanas, cosmopolitas ou centrais e destinos coloniais, provincianos, ou periféricos, o arquiteto estrangeiro é apanhado nesta análise no terreno móvel em que se insere, na diversidade dos circuitos que realiza, em suas múltiplas figurações e posições, tão variáveis quanto o movimento internacional de agentes, ideias e práticas.

Ao colocar o foco na trajetória do arquiteto tcheco Bernard Rudofsky e em sua passagem por São Paulo, entre 1938 e 1941, Luisa Guardado recupera o capítulo específico de uma vida marcada pela errância, construindo, de modo cuidadoso, o perfil altamente móvel de um arquiteto, oscilando entre países, culturas e campos de atuação diversos. Também centrado em São Paulo, o artigo de Mariana Guardani retoma a pluralidade de trajetórias a partir da consideração de três fotógrafos estrangeiros na cidade, entre meados dos anos 1930 e meados dos anos 1950 – Werner Haberkorn, Hildegard Rosenthal e Alice Brill –, recolocando a questão do olhar e da imagem à luz das distintas formas de inserção profissional do estrangeiro na divisão social e simbólica do campo fotográfico paulistano.

Imagens e ideias, projetos e escritos, assim como a articulação recorrente entre o ver e o escrever, consideradas por todas as análises, reaparece no artigo de Karen Lisboa, que segue o itinerário de escritores alemães que se transferem para o Brasil, entre a crise do imperialismo e a ascensão do nazismo. Longe da imagem edênica dos tropicões, associada à certa literatura de viagem, valorizam-se aí os nexos entre as figurações do outro e as múltiplas razões – editoriais, estéticas, propaganda colonialista – da presença ou da viagem local desses personagens; seu modo de ver também se articulando à inserção produtiva do artista na terra estranha. Não é outra senão esta a questão que percorre o artigo de G. Silvestri já mencionado: como o estado permanente de trânsito, no caso, em uma expedição fluvial, nos permite repensar a noção de estrangeiro? Ou antes, como no vasto território atravessado, apenas pontuado por

estísticas, elaboram-se as fronteiras entre natureza e cultura, rural e urbano, estrangeiro?

amento final – *Intelectuais, artistas e cidade* –, longe de encerrar o volume, abre as ao conjunto de reflexões pelo exame de outros percursos e miradas. Aqui o o foco das pesquisas, seja em função de suas instituições científicas, culturais (museus de arte, universidades e prefeitura); das revistas e publicações (*Mirante das Artes, Etc.* e *Revista do Arquivo Municipal*), ou ainda pelo modo *ade* foi pensada pelos intelectuais: sua fisionomia arquitetônica, paisagem história, um passado frequentemente acionado porque vivo seja nas formas ja na imaginação de uma especificidade paulista.

eu de Arte de São Paulo (MASP), criado em 1947 por Assis Chateaubriand, a como espaço de atuação de vários profissionais estrangeiros na São Paulo da 1950, indica Fernanda Fernandes. Os trajetos do jornalista e crítico de arte, a Bardi, dos arquitetos Lina Bo Bardi e Giancarlo Piretti e do artista Bramante nuciosamente analisados, permitem aferir a temperatura dos debates sobre a racionalista na Itália, assim como a circulação de saberes e práticas entre Paulo, no pós Segunda Guerra. Bardi e Lina Bo têm ainda atuação destacada fase da revista *Habitat* (1950-1954) – associada ao MASP, à sua Escola de e ao Instituto de Arte Contemporânea – e em *Mirante das Artes, etc.*, nos anos 3, outra ponta da militância do casal Bardi enfrentada por Adriana Mesquita. ções, impensáveis sem as mudanças que conferem novos contornos à paisa- al e à vida cultural da cidade, são outros nichos fundamentais de inserção e eses estrangeiros, pontos de confluências, trocas e parcerias.

gos de Fernanda Peixoto, Luisa Valentini e Isabela Oliveira P. da Silva diri- instituições universitárias criadas na década de 1930 – Universidade de São bla Livre de Sociologia e Política – e às suas relações com o Departamento sob a direção de Mário de Andrade e Sérgio Milliet, respectivamente. Ao escritos pouco conhecidos de Roger Bastide sobre as cidades, arquitetura a, dos anos 1930 aos anos 1950, Peixoto reinterpreta a produção do soció- e professor da USP, em função do que denomina sua “perspectiva barroca”, o ainda para inserir o autor na seara dos debates urbanos e arquitetônicos. s entre a Universidade e a cidade são matéria do artigo de Valentini, debru- parceria entre Lévi-Strauss, Dina Dreyfus e Mário de Andrade no interior e de *Etnografia e Folclore*. Retomando a questão das trocas e da circulação

internacional de saberes, colocada de outro ângulo por Fernanda Peixoto, Valentini ensina que as pesquisas sobre a São Paulo em transformação é inseparável das etnogra- fias da cultura popular e do folclore realizadas nos arredores.

Isabela Oliveira P. da Silva dá seguimento a essa linha de reflexão ao se deter sobre experiência de Donald Pierson na ELSA, entre 1930 e 1950. A centralidade da produ- ção do sociólogo norte-americano sobre o urbano – veiculada na *Revista do Arquivo Municipal* do Departamento de Cultura –, sua atuação entre a instituição universitária (na qual forma novas gerações de pesquisadores) e o órgão público (para o qual con- tribui com pesquisas aplicadas), e seu lugar como mediador entre o Brasil e os Estados Unidos, permite à autora melhor qualificar os tão propalados impactos da “Escola de Chicago” entre nós. Também debruçada sobre um caso particular, o do frei dominica- no Joseph Lebet, em sua primeira viagem ao Brasil, no ano de 1947, Dinalva Roldan contribui para repensarmos a importância decisiva desse personagem entre nós, que se movimenta entre os meios católicos, a militância política, as pesquisas acadêmicas, o planejamento e a intervenção urbanas.

Trânsitos de saberes e parcerias intelectuais são requalificados na análise de Ana Castro sobre os diálogos que ela localiza nas produções de Richard Morse e Sérgio Buarque de Holanda sobre São Paulo. Em diversos textos escritos por eles, o passado da cidade e da região é convocado para o esboço de uma história cultural paulista, na qual convivem: paisagem física, cultura material, representações sobre a tradição e perspectivas sobre o moderno. Menos que influências de um sobre o outro, a autora sublinha os conhecimentos partilhados em solos e experiências concretas.

Diante desse conjunto, parece claro que a diversidade temática, problemática e estilística dos artigos aqui reunidos não elimina as enormes afinidades existentes entre eles; afinidades enraizadas em um solo comum de interesses, e construídas ao longo de quatro anos de colaboração, seja no cotidiano do projeto de pesquisa e nos seminários do grupo, seja em trocas e encontros informais. Fica aqui registrado o nosso agradeci- mento a cada um dos autores que integram este volume, também à Fapesp pelo auxí- lio concedido e a todos os demais bolsistas, técnicos e funcionários da FAU-USP, do Museu Paulista, do Departamento de Antropologia da USP e do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, sem os quais nada disso teria sido possível.